

design

O SEGREDO DAS ÁGUAS

QUEM SÃO E O QUE FAZEM OS DESIGNERS QUE ESTÃO SE MEXENDO
PARA TRATAR DE UMA **QUESTÃO URGENTE**: A POLUIÇÃO DOS MARES
CAUSADA PELO **PLÁSTICO E OUTROS DERIVADOS DO PETRÓLEO**

POR SILVIA ALBERTINI





Detalhe do Ocean Terrazzo, espécie de granilite feito de fragmentos de plástico recolhidos do oceano, desenvolvido pelo australiano Brodie Neill; e, à esq., o designer e seu banco Flotsam (2017), produzido com esse material. Na pág. anterior, a instalação Drop in the Ocean, montada pelo autor no hotel ME London, durante o último London Design Festival



“A SOLUÇÃO É REDUZIRMOS O USO DO PLÁSTICO, MAS TAMBÉM OLHARMOS PARA ELE COMO RECURSO, NÃO COMO LIXO” BRODIE NEILL

Em sua obra-prima, *Utopia*, o humanista britânico Thomas More imaginava a existência de uma ilha fictícia, onde a vida seria perfeita. Era o ano de 1516 e More, na verdade, cunhava o termo utopia. Dificilmente ele cogitaria que, 500 anos mais tarde, seríamos capazes de encontrar, no mar, uma ilha igualmente surreal – mas muito diferente daquela que ele idealizou. Desde 2007 sabemos da existência de um gigantesco amontoado de plástico no Oceano Pacífico. A aglomeração cresce anualmente e, hoje, já é maior do que o território da França. São detritos de dimensões variadas que vêm dos continentes e flutuam por todos os mares do planeta – em sua maioria, os restos se quebram pela ação das ondas, dificultando ainda mais a coleta. O desafio é grande: segundo pesquisa da Ellen MacArthur Foundation, apresentada no Forum

Econômico Mundial de 2016, em 2050 haverá no mar mais plástico do que peixes, se não forem tomadas iniciativas radicais.

Acreditando nas possibilidades do design como agente de transformação, criativos do mundo afora têm pesquisado maneiras de empregar o dejetos como matéria-prima. É o caso de Brodie Neill, designer australiano estabelecido em Londres e conhecido por seus refinados trabalhos escultóricos, sempre guiados pela natureza e realizados integrando *know-how* tradicional com as mais recentes técnicas digitais. “A solução é reduzirmos o uso do plástico, especialmente o descartável, mas também olharmos para ele como recurso, não como lixo”, comenta ele. Com isso em mente, Neill criou um novo material. O chamado Ocean Terrazzo é uma aplicação da técnica do granilite, “*terrazzo*”, em inglês, que em lugar de pedaços de granito, mármore e vidro, se vale de microfragmentos

"A NATUREZA ARRANJA SEUS CAMINHOS. O HOMEM VAI TER DE ACHAR OS SEUS. REDESENHAR NOSSA VIDA, DOS HÁBITOS AOS INSUMOS, É UMA VIA. RESPEITAR, DIALOGAR, OLHAR NOS OLHOS DAS PESSOAS QUANDO CONVERSAMOS: ISSO SALVA O MUNDO" OLIVIA YASSUDO



À esq., a espuma vegetal Fohm.Life®, fórmula desenvolvida no Brasil, biodegradável, não tóxica, reutilizável, capaz de absorver óleos e outros fluidos que poluem a água – a tecnologia é fruto da parceria entre o paulistano Coletivo Amor de Madre e o laboratório de bioquímica verde Allquibio; e, mais à esq., a espuma em ação

de plástico recolhidos no oceano em sua composição. “Graças ao design, foi possível recontextualizar o descarte em algo desejável, na esperança de mudar a percepção das pessoas e promover maior cuidado para com o meio ambiente”, afirma ele.

A operação é conceitualmente próxima à atuação do Studio Swine, igualmente instalado em Londres, que em seus projetos autorais, busca trabalhar com materiais triviais ou indesejados, transformando-os por meio do design. A arquiteta Azusa Murakami e o artista Alexander Groves se comoveram com o tema há sete anos, quando souberam do Sea Dragon, um navio de investigação científica que zarparia da Baía da Guanabara, seguindo o lixo até o Giro do Atlântico Norte. “Queríamos ver o plástico do mar e fomos fazer limpeza nas praias do Reino Unido. Após cinco anos de trabalho, subimos no Sea Dragon e navegamos dos Açores até as Canárias”, lembra a dupla. Nascia o Sea Chair, um banco desenvolvido a partir de pedaços de plástico coletados, separados, lavados e

fundidos a bordo do navio. Gyrecraft é outra iniciativa do Studio Swine que cria peças inspiradas em artesanatos litorâneos, a partir de detritos plásticos em lugar de elementos predatórios como dentes de baleias e carapaça de tartarugas. “Os objetos contam uma história e evocam o oceano. Usamos isso para encontrar alguma poesia dentro de uma situação destruidora”, dizem.

Mais uma iniciativa voltada a ressignificar o lixo encontrado na água é a cadeira Svartskär, do sueco Hampus Penttinen, que utiliza destroços de redes de pesca e cabos de âncora de polipropileno recolhidos nas praias de Kosterhavet, único parque nacional marinho da Suécia. “Cresci revirando garrafas de xampu chinês, junto a líquens e ostras. Hoje todos sabemos dos efeitos desastrosos desse desperdício para a vida marinha. As costas escandinavas estão limpas, mas o problema ainda está lá, no mar”.

Para além dos detritos sólidos, muito da poluição aquática se deve a óleos e outras

substâncias fluidas, mais difíceis de serem recolhidas. Contra este problema, foi desenvolvida no Brasil a Fohm.Life®, uma fórmula vegetal biodegradável, não tóxica, reutilizável, capaz de absorver hidrocarbonetos e limpar águas marítimas e fluviais de diversos poluentes. Fruto da parceria entre o paulistano Coletivo Amor de Madre e o laboratório de bioquímica verde Allquibio, é uma tecnologia que se apresenta em dois formatos: espuma absorvente; e líquido, para ser usado como seladora, impermeabilizante e cola para a construção civil, outro importante agente na produção de resíduos tóxicos e inflamáveis.

O design pode salvar o planeta? Seria essa uma utopia? Olivia Yassudo, fundadora do Coletivo Amor de Madre e idealizadora do Fohm.Life®, que entrevistamos enquanto participava da Adipecc de Abu Dhabi, maior feira de petróleo do globo, tem a resposta pronta. “A natureza arranja seus caminhos. O homem vai ter de achar os seus. Redesenhar nossa vida, dos hábitos aos insumos, é uma via. Respeitar, dialogar, olhar nos olhos das pessoas quando conversamos: isso salva o mundo.” ●

À dir., a cadeira Svartskär, do sueco Hampus Penttinen, que utiliza destroços de redes de pesca e cabos de âncora de polipropileno recolhidos nas praias de Kosterhavet, na Suécia



Abaixo, um dos objetos esculturais da série Gyrecraft, também do Studio Swine



Concebido pelo Studio Swine, o Sea Chair é um banco produzido a partir de pedaços de plástico coletados ao longo do Oceano Atlântico, separados, lavados e fundidos a bordo de um navio

